



O pior da ômicron ainda está por vir

Ministério da Saúde avalia que o pico de infecções provocadas pela nova variante da covid-19 não chegou, o que deve ocorrer em fevereiro. Média móvel de internações em São Paulo, entretanto, está em queda

» MARIA EDUARDA CARDIM
» GABRIELA BERNARDES*

Dois meses após o surgimento da variante ômicron e da confirmação dos primeiros casos da cepa no Brasil, o país vê o mês de fevereiro chegar com o recorde de casos positivos relatados em um só dia e o registro de mortes por covid-19 voltar ao patamar dos milhares. Mesmo com quase 300 mil casos confirmados em um só dia, o Ministério da Saúde acredita que ainda não atingiu o pico da onda causada pela variante que já domina 95,9% das amostras sequenciadas.

A avaliação foi feita pelo ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, neste sábado. “Estou com a equipe do Ministério da Saúde analisando a última semana epidemiológica do país. Tivemos aumento de casos causado pela covid-19, e ainda não chegamos no pico da onda causada pela ômicron. O enfrentamento contra a doença continua”, disse, pelas redes sociais.

O infectologista do Hospital Brasília/Dasa André Bon explica que as estimativas do pico em uma nova onda do vírus são baseadas no comportamento da variante em outros países, mas também no aumento de casos no próprio país. No entanto, ele ressalta que o tamanho do Brasil pode fazer com que estados e cidades vivam essa alta máxima em momentos distintos. “Como o Brasil é muito grande, acontecem picos em diferentes cidades em momentos diferentes. Por exemplo, é possível que Rio e São Paulo já tenham passado por momentos piores do que estão passando agora. Brasília talvez esteja atingindo seu pico”, explica.

Exemplo citado pelo infectologista, o estado de São Paulo começa a ver as novas internações por covid-19 começarem a cair desde o início de fevereiro. A média móvel de novas internações pela doença no estado caiu 9,5% da última semana de janeiro para a primeira deste mês. Essa média estava em alta no estado desde 13 de dezembro, quando os casos da ômicron começaram a ser revelados no Brasil.

O professor de epidemiologia da Universidade de Brasília (UnB) Mauro Sanchez também espera que a variante se comporte como em outros países, e, após o pico, venha uma estabilidade dos casos. O médico também enfatiza,

Paola Mafía/AFP



Nova variante do coronavírus domina 95,9% das amostras sequenciadas no Brasil: vacinação em massa evita explosão de casos graves

Cronologia

Dois meses após o surgimento da variante ômicron, o país registra o recorde de casos positivos diários e vê o patamar de mortes pela covid-19 atingir a casa dos milhares

2021

26 de novembro
Organização Mundial da Saúde (OMS) declara a B.1.1.529 como uma "variante de preocupação" e escolhe como nome "ômicron"

30 de novembro
Instituto Adolfo Lutz confirma dois casos da variante Ômicron no Brasil. Os dois primeiros casos da Ômicron no Brasil são referentes a um homem de 41 anos e a

uma mulher de 37 anos, que vieram da África do Sul

2 de dezembro
Diante dos casos confirmados e suspeitos da ômicron no Brasil, o Ministério da Saúde ativa uma sala de situação para monitorar as infecções e adotar medidas de prevenção e controle

30 de dezembro
Variante ômicron representa 31,7% dos casos confirmados da covid-19 no Brasil

2022

6 de janeiro
Brasil registra a primeira morte no Brasil pela variante ômicron após notificação da Secretaria Municipal de Saúde de Aparecida de Goiânia (GO)

27 de janeiro
O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, reconhece pressão no sistema de saúde causada pela nova variante e diz que a ômicron não deve ser menosprezada. Das 27 unidades federativas, 6

estados e o Distrito Federal têm taxas de ocupação de UTI covid-19 para adultos acima de 80%

Quinta-feira
Brasil registra 1.041 óbitos pela covid-19 e bate o recorde de casos positivos compilados em apenas um dia ao confirmar mais 298.408 infecções

Sexta-feira
Brasil confirma três casos da linhagem BA.2 da variante ômicron, que é até 33% mais transmissível do que a versão original BA.1

predominante no Brasil é o aumento do número de mortes que ainda será visto. A previsão é de que os casos fatais pela covid-19 ainda cresçam no mês de fevereiro. Isso porque o platô dos óbitos acontece, normalmente, uma ou duas semanas após o de casos. O prognóstico foi feito pelo médico infectologista da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e ex-diretor do Departamento de Imunização e Doenças Transmissíveis do Ministério da Saúde Julio Croda, nas redes sociais.

“Estaremos atingindo o platô de casos novos associado a ômicron nesta semana. Geralmente o dos óbitos em uma ou duas semanas. Durante todo o mês de fevereiro ainda teremos muitos óbitos. Máscaras, distanciamento e vacinas são essenciais nesse momento”, ponderou. Com isso, a letalidade da doença deve aumentar no mês de fevereiro. “Geralmente, no começo da onda, você tem um aumento de casos sem aumento de óbitos. Posteriormente na segunda parte da onda, você proporcionalmente tem mais óbitos que casos”, completou Croda.

Passado o pico de casos e mortes da nova onda provocada pela variante ômicron, especialistas ponderam que a pandemia pode arrefecer. “A associação de uma cobertura vacinal cada vez maior com uma cepa muito transmissível e menos grave pode levar a um arrefecimento da pandemia”, indica Bon.

Mauro Sanchez explica que a esperança é de melhoras nos níveis após o pico da ômicron, porque grande parte da população estará protegida com a vacina e com os anticorpos depois do próprio vírus. “A esperança é que a imunidade da vacina combinada com a imunidade conferida pela infecção — a infecção vai ter acontecido numa proporção muito grande da população. O número de casos reportados não representa nem de perto o que está acontecendo. Porque não há capacidade de testagem hoje para detectar todo mundo. Até porque de 80% a 90% dos casos são assintomáticos”, detalha o epidemiologista.

*** Estagiária sob supervisão de Roberto Fonseca**

CASO MOÏSE

Protestos por justiça em 12 capitais

» CRISTIANE NOBERTO
» FERNANDA STRICKLAND

O sábado foi marcado por atos no Brasil cobrando justiça pelo brutal assassinato do congolês Moïse Kabagambe, de 24 anos, assassinado em 24 de janeiro no quiosque Tropicália, localizado na Barra da Tijuca, no Rio. A ideia também frisou a importância da luta contra o racismo e a xenofobia. Os manifestantes também destacaram a integração social e econômica de refugiados africanos e o compromisso do país com a promoção de oportunidades para todos.

Os atos contra o racismo e a xenofobia se deram de forma

pacífica e reuniram centenas de pessoas. As manifestações foram feitas em pelo menos 12 capitais. Foram elas: Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, Salvador, Recife, Belo Horizonte, Natal, Porto Alegre, São Luís, Curitiba, Cuiabá e Fortaleza.

No Rio, a movimentação começou no quiosque onde Moïse foi morto e depois o grupo realizou uma passeata pela orla. Houve um princípio de tumulto, onde alguns manifestantes tentaram quebrar alguns dos estabelecimentos próximos, mas foi logo dispersado. A comunidade congoleesa esteve presente e bradou durante a passeata: “Somos africanos, gritamos por nossos ancestrais e vamos nos encher deles”.

Em Brasília, os grupos foram em direção ao Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty). Em Salvador, a manifestação percorreu o Pelourinho e contou com os batuques do Olodum.

Moïse também prestava serviços para o quiosque Biruta, na mesma praia. A Prefeitura do Rio de Janeiro decidiu transformar os estabelecimentos em memorial em homenagem à cultura congoleesa. A prefeitura também decidiu conceder à família do africano a gestão de um dos quiosques na Barra da Tijuca.

A iniciativa tem o objetivo de promover a integração social e econômica de refugiados africanos e reafirmar o compromisso

da cidade com a promoção de oportunidades para todos. A ação foi realizada em parceria com a Orla Rio, concessionária que opera os estabelecimentos.

A prefeitura disse, ainda, em nota, que, durante a investigação do crime, o contrato de concessão com os atuais operadores dos quiosques está suspenso, e que, “caso se comprove que eles não têm qualquer envolvimento no crime, a Orla Rio discutirá a transferência para outro espaço”. Caso contrário, o contrato será cancelado. Ainda não há prazo para a execução do projeto. Neste momento, a Prefeitura está conversando com a família”.

Carl de Souza/AFP



No Rio, o protesto começou no quiosque onde Moïse foi morto